

# **FANAIS DOS VERDES LUZEIROS**

## **Diego Mendes Sousa**

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2019*



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

IMAGEM DE CAPA: Henri de Toulouse-Lautrec / Portrait of Vincent van Gogh, 1887.

PROJETO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M538f SOUSA, Diego Mendes.

Fanais dos verdes luzeiros / Diego Mendes Sousa – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.

92 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-609-3

1. Poesia I. Título.

CDD B869.1

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# Estilhaços do tempo

Diz a tarde: “Tenho sede de sombra!”

Diz a lua: “Eu, sede de luzeiros.”

A fonte cristalina pede lábios  
e suspira o vento.

Federico García Lorca

## Fanal dos omissos

Decerto, nas lembranças,  
estaremos a omitir  
o que o tempo preservou  
sob as nuvens de um céu  
de amargo chumbo.

Toda água que vaza dos olhos,  
agora como retrato de uma ilíquida saudade,  
é tilintar de almas sobrepostas.

Escrevamos ainda os silêncios  
do querer dos sinos absurdos  
(Ávidos das cores dos barulhos!)  
na tarde esverdeada  
deste ser triste e empoeirado  
— as minhas couraças absolutas!

## Fanal do primeiro julho

Era meado de julho  
quando mamãe  
sagrou o seu ventre  
na dor dos girassóis:

o meu choro comovido  
de circular na luz.

## Fanal das estações

A criação é uma consulta íntima  
às estações da alma.

Viajo sentado na poltrona azul  
de uma nave medonha,  
que me leva a um lugar  
de sagrações e eternidades.

Constato no horizonte desigual  
o que as pupilas sangrentas  
sempre procuraram antes:  
o sol do fim da tarde,  
que vai se escondendo devagarinho  
nas nuvens que passam também em mora,  
agora escuras e distantes.

Os fantasmas da minha solidão  
vão embora  
porém me dizem que devo dormir  
para não ver a noite  
que se avizinha logo.

Mas grito, rasgo as veias do pescoço altivo,  
digo a todos eles:  
– Não desejo sonhar!

– Não tenho medo,  
pois tenho o colo da primavera,  
povoado de muito desespero!

A poesia quer-me lúcido para morrer bem  
em seu delírio de sombra e claridade  
a ruminar o mistério, o atávico,  
e quiçá, o insondável.

Talvez na infância?  
Talvez no umbigo da estadia materna?  
De pronto, na calada dos abismos infernais.

## Fanal do juliano hodierno desde Roma

O que me faz bruto?  
Quem me apedreja o ser?

rocha de rispidez natural

O que nivelo na brita desigual ao céu  
é flor?

brilhante cinzazul dura

Por que sou seco no charco?

estalactite aguçada no coração

Por que estou insensível  
dentro do meu mistério de gruta?

pedra afiada em mangue  
e em escuridão!

Permaneço na criança solitária  
já que somente essa me entende,  
pois vivo em estágio inaugural  
de eternidade



Depois é o mundo cruel que descortina  
os meus olhos para a Dor

Então, a leveza se apavora do Sonho:  
o sonho da Essência:  
a essência do Amor...

Há brutalidade nesses versos de sangue  
em seu revés estoico e primaveril?

ora água de chuva  
    que despenca desenfreada  
        de sua mina de nuvem  
ora água de rio  
    que acelera desesperada  
        na sua sede de ir e de fugir

– Ainda tem tempo para amansar  
os cristais do futuro...

Até tu, Deus?

## Contatos do autor

e-mail: *diego\_mendes\_sousa@hotmail.com*

facebook: */diegomendessousa*

whatsApp: *(86) 99451-5454*